

CBCS notícias

BOLETIM INFORMATIVO DO CONSELHO BRASILEIRO DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL

JUNHO 2012

ESPECIAL

Esquentando para RIO+20



5

Izabella Teixeira



6

Alain Grimard



7

Ricardo Abramovay



8

Sylvie Lemmet



**Sustainable Buildings
and Climate Initiative**
Promoting Policies and Practices for Sustainability

Cobertura Simpósio UNEP SBCI 2012

10

Evento CBCS na Rio+20

14



CBCS



editorial

Lideranças internacionais apontam rumos para um desenvolvimento sustentável



Por Marcelo Takaoka e Diana Csillag

Na semana em que líderes mundiais definem e renovam metas para o desenvolvimento sustentável do planeta nos próximos 20 anos, o CBCS Notícias#4 volta-se totalmente à Rio+20, com destaque para o evento preparatório do SBCI (Sustainable Building and Climate Initiative) para a Rio+20, realizado em São Paulo com organização local do CBCS. Para conhecer a opinião de especialistas em torno do evento global, o boletim traz o último número do especial **Esquentado para Rio+20** com quatro ilustres convidados: a **ministra do Meio Ambiente Izabella Teixeira**, o economista e professor titular do Departamento de Economia da FEA-USP **Ricardo Abramovay**, autor de uma dezena de livros sobre a temática ambiental, entre eles, o recém-lançado *Muito Além da Economia Verde*, o diretor do escritório regional da ONU-Habitat para América Latina e o Caribe **Alain Grimard** e a diretora da divisão de tecnologia, indústria e economia da UNEP – United Nations Environment Programme **Sylvie Lemmet**.

A governança do desenvolvimento sustentável guia as ideias da ministra e do professor em suas reflexões sobre o tema **“Qual o papel da Governança Interna e Internacional para um crescimento eficiente?”**. Enquanto Izabella Teixeira destaca os avanços e carências do setor no país e a importância da Rio+20 no estímulo a transformações globais, o artigo de Abramovay aponta índices, por vezes, preocupantes em termos de emissões de gases de efeito estufa e do modo como o mundo ainda privilegia o investimento em combustíveis fósseis comparado a energias renováveis. Já Alain Grimard aponta para a importância do planejamento urbano no cenário da sustentabilidade e Sylvie Lemmet (em inglês) traz uma visão global sobre o impacto da construção civil sustentável na economia mundial.

Nas páginas 10 a 13, confira a cobertura completa com textos e imagens do **Simpósio promovido**

pele Sustainable Buildings and Climate Initiative – SBCI (entidade do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) realizado no dia 13 de junho no Sesc Pinheiros, na capital paulista. Coorganizado pelo CBCS, SECOVI SP, SVMA, Ministérios das Cidades, Secretaria da Habitação do Estado de São Paulo e CDHU, o evento preparatório para a Rio+20 debateu o tema **Eficiência no Uso de Recursos e Economia Verde: Oportunidades para Edifícios e Cidades Sustentáveis**.

Aberto ao público, o Simpósio contou com a presença de representantes de ministérios, ONGs, institutos de pesquisa e associações do setor público e privado. Para quem não conseguiu confirmar a inscrição, que se esgotou rapidamente, **o CBCS disponibilizou em seu site um link de transmissão ao vivo** onde todos os interessados no avanço do desenvolvimento sustentável na construção civil tiveram a chance de acompanhar as palestras conduzidas por nomes como o do indiano Pavan Sukhdev, chefe da Iniciativa em Economia Verde do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, e do embaixador Rubens Ricupero, ex-ministro do Meio Ambiente.

Fortalecendo seu papel de promotor de debates entre os principais atores da cadeia construtiva, **o CBCS marcou presença, também, em um “side event” da Rio+20, realizado em 17 de junho**. Ao lado de importantes entidades do setor, como a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) e o Conselho Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CBDES), a organização propôs a **criação de um grupo de trabalho**, sob a coordenação de agência relacionada à ONU, **para estabelecimento de metas globais de desenvolvimento sustentável na construção civil**, reconhecidamente uma das áreas que mais impacta o meio ambiente. Saiba mais sobre essa iniciativa na página 14.

Boa leitura!

Esquentando para RIO+20



RIO+20
United Nations
Conference on
Sustainable
Development

No estímulo ao debate acerca dos temas e expectativas da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, o CBCS Notícias encerra o especial Esquentando para Rio+20, destaque nas duas edições anteriores, mais uma vez com convidados de renome no cenário da sustentabilidade. Dessa vez a discussão é **“Qual o papel da Governança Interna e Internacional para um Crescimento Eficiente?”**.

Confira a opinião dos especialistas em torno do assunto na semana em que os chefes de Estado se reúnem para rediscutir e restaurar metas sustentáveis para o planeta nas próximas décadas.



Por uma Governança Fortalecida

Por Izabella Teixeira

Ministra do Meio Ambiente

É sabido que os processos internacionais colaboram largamente com a defesa de agendas nas esferas nacionais. A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, tem se configurado como um espaço rico de estímulo às transformações globais que precisam ser feitas para que os países alcancem o crescimento econômico com inclusão social e uso racional dos recursos naturais. **A escolha do tema da arquitetura institucional para o desenvolvimento sustentável pela Assembleia da ONU como um dos dois eixos centrais da Rio+20 desperta a urgência de um debate até então latente.**

Os debates sobre desenvolvimento sustentável ao longo dos últimos 40 anos evoluíram expressivamente em todas as regiões do mundo. Surgiram novos modelos de gestão econômica, social e ambiental nesse período. No entanto, a maior parte das esferas de governança estabelecidas até hoje não evoluíram no mesmo passo dessas discussões.

Foram muitos os avanços do Brasil em matéria de governança, econômica, social e ambiental, como o estabelecimento de instâncias oficiais de decisão com participação permanente da sociedade civil. A experiência dos órgãos colegiados consultivos e deliberativos são exemplos de como a presença da sociedade civil enriquece os processos decisórios e a amadurece a concepção e implementação de políticas públicas. Ainda assim, há muito a se avançar e aperfeiçoar. Carecemos de estruturas de coordenação entre as diversas agendas públicas. As nossas atuais estruturas de governança não atendem completamente às necessidades impostas pelos desafios atuais. É preciso adequá-las para os novos papéis e novos resultados. E essa necessidade está presente tanto nos âmbitos nacional quanto internacional.

As mudanças que precisam ser feitas demandam bases para sua ancoragem e gestão. É explícita ainda a necessidade de adequação das estruturas de governança ambiental, econômica, social e sua integração por meio de um quadro de desenvolvimento sustentável. **As estruturas e instituições internacionais que lidam com**

os temas relacionados à agenda global do desenvolvimento sustentável são fragmentadas e insuficientes perante os desafios globais. Entre eles está o desafio do fortalecimento do multilateralismo, exercitado ao longo das últimas décadas e marcado pelas mudanças na conjuntura geopolítica mundial.

Justifica-se, assim, a necessidade de intervenção da comunidade internacional em dois caminhos igualmente importantes. Por um lado, a criação de uma instância mais abrangente de diálogo e coordenação entre as dimensões econômica, social e ambiental do sistema multilateral, capaz de conferir coerência às ações internacionais e de aumentar os níveis de implementação, em escala global, dos compromissos adotados em matéria de desenvolvimento sustentável. Está na mesa de negociação a proposta de criação de um Conselho (ou Fórum) de Desenvolvimento Sustentável, com o objetivo de prover a coordenação e orientação estratégica, política e financeira às ações do sistema multilateral em matéria de desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, faz-se também necessário o robustecimento da dimensão ambiental do desenvolvimento sustentável nas Nações Unidas, por meio do fortalecimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). O processo negociador vem discutindo quais as medidas necessárias ao fortalecimento do PNUMA, de forma a conferir-lhe maior autonomia financeira, legitimidade de suas decisões – por meio da participação universal em seu Conselho de Administração –, além de um mandato político reformulado, para atender às necessidades dos países por cooperação técnica especializada em matéria ambiental.

A Rio+20 é, assim, o espaço onde serão gerados os trilhos para essas mudanças necessárias à Arquitetura Institucional do Desenvolvimento Sustentável. Nesse debate, o objetivo do Brasil é levantar o teor político das decisões adotadas pela Conferência para que seja determinado um alto nível de ambição para os próximos processos multilaterais que se iniciarão a partir de junho.

Esquentando para RIO+20

Devemos Promover Cidades Sustentáveis



Por Alain Grimard

Diretor da ONU-Habitat na América Latina e Caribe

As mudanças demográficas e econômicas das últimas duas décadas transformaram as cidades e centros urbanos nos *habitats* dominantes do gênero humano. Conseqüentemente, o modo do desenvolvimento humano tem efeitos críticos sobre os processos que buscam atingir o desenvolvimento sustentável. Portanto, mais do que em qualquer outra época, é crucial que os Estados Membros e as Agências da ONU se reúnam a fim de promover a urbanização sustentável.

As cidades, suas estruturas espaciais e seus sistemas de infraestrutura e governança constituem um mecanismo essencial para a transição para o desenvolvimento sustentável. Enquanto isto, precisamos tratar da forma como os moradores dos centros urbanos são excluídos das vantagens inerentes à vida nas cidades, através de vínculos intrincados entre a pobreza, a desigualdade, a vulnerabilidade aos desastres naturais, à formação de favelas e ao crescimento econômico.

Um bom desenvolvimento urbano é a chave para o desenvolvimento sustentável. A urbanização é um importante fator para o crescimento e desenvolvimento

econômico mundial. É nas cidades ao redor do mundo que as pressões da globalização, migração, desigualdade social, poluição ambiental e mudanças climáticas e o desemprego entre os jovens são sentidas de forma mais direta. Por outro lado, durante séculos, as cidades têm sido o berço da inovação, produzindo mais de 75% do PIB mundial. Precisamos buscar promover cidades que sejam ambientalmente sustentáveis, socialmente responsivas e economicamente produtivas.

A urbanização sustentável pode fornecer uma das principais forças unificadoras para integrar os três pilares do desenvolvimento sustentável. As iniciativas para a criação de empregos, a redução da pegada ecológica e a melhoria da qualidade de vida são mais eficazes quando promovidas conjuntamente. **Priorizar a urbanização sustentável também pode ajudar a assegurar a coerência entre políticas setoriais, como a de energia, água, consumo e produção sustentáveis, biodiversidade, preparação para desastres naturais e adaptação às mudanças climáticas. É importante que essa oportunidade emergente seja reconhecida e endossada na Rio+20.** •



Medir a Prosperidade e não só a Riqueza

Por Ricardo Abramovay

Professor Titular da FEA-USP

Retomada suja: o termo não saiu da boca do Comandante Marcos, dos textos da Via Campesina ou dos discursos do Occupy Wall Street e sim de um trabalho recente de uma das mais importantes consultorias globais, a PwC¹. **Entre 2000 e 2008, cada unidade de valor lançada na economia mundial foi produzida emitindo 0,8% menos gases de efeito estufa que no ano anterior. Um progresso considerável, mas infelizmente muito aquém dos 2% de redução anual que, a partir de 2000, seriam capazes de evitar a aceleração dos eventos extremos.**

Como o avanço foi menor que o necessário, em 2009 a exigência de diminuição nas emissões já não era de 2% anuais e sim de 3,4%. O que se conseguiu? Meros 0,7%. A taxa de descarbonização continuou positiva, porém menor. Só que em 2010 e 2011, nem mais esta descarbonização insuficiente foi alcançada: cada unidade de valor da economia mundial foi produzida sobre a base de mais emissões que no ano anterior: a discreta sobriedade que marca os textos das grandes consultorias globais não impediu o desabafo: *dirty recovery*. A cada ano que passa sem que a meta de declínio nas emissões seja atingida, o tamanho da diminuição necessária fica maior. Em 2011 ele já era de 5%!

No banco dos réus, China, Índia e o drama de oferecer os recursos materiais, energéticos e bióticos necessários a enfrentar o maior desafio de nosso tempo, que é emancipar da miséria absoluta os bilhões de pessoas que aí, escandalosamente, ainda se encontram. Mas esta é apenas parte da verdade. O último inventário das emissões norte-americanas² mostra que o peso das emissões

dos transportes individuais continua imenso e é crescente. Além disso, a independência energética do país vem sendo buscada por meio das formas mais predatórias de obtenção de energia fóssil: as areias asfálticas canadenses, o xisto betuminoso e as perfurações no Ártico que o degelo da calota polar, decorrente do aquecimento global, tornou possível. Isso sem falar do carvão, do qual os EUA são grandes produtores e consumidores.

Esta é uma das raízes centrais do fato de que **o mundo gasta hoje seis vezes mais com subsídios aos combustíveis fósseis que com energias renováveis. E apenas 10% destes subsídios são apropriados pelos mais pobres.** Pior: o reconhecimento crescente de que o automóvel individual é a pior forma de se garantir mobilidade e que seu predomínio é um dos obstáculos para a emergência de cidades sustentáveis não impede que o próprio setor trabalhe com o horizonte de mais um bilhão de carros até 2020 na economia global.

Este é apenas um exemplo do contraste que pode haver entre produção de riqueza e obtenção de real prosperidade. **Um passo importante na governança global do desenvolvimento sustentável será dado se a Rio+20 reconhecer que o PIB não só mede de forma equivocada a riqueza, mas que ele apresenta como úteis e necessários bens e serviços que muitas vezes contribuem para piorar a vida das pessoas e degradar os recursos ecossistêmicos dos quais todos dependemos.**

1. http://www.pwc.com/en_GX/gx/low-carbon-economy-index/assets/Low-Carbon-Economy-Index-2011.pdf
2. <http://www.epa.gov/climatechange/emissions/downloads12/US-GHG-Inventory-2012-ES.pdf>

Esquentando para RIO+20

Sustainable buildings and cities



Por Sylvie Lemmet

Diretora da divisão de tecnologia, indústria e economia da UNEP – United Nations Environment Programme

The increasing rate of urbanization over the past 50 years has resulted in on-going challenges to deliver needed infrastructure and immense pressure on the natural ecosystems within which city and associated regions exist. Population growth also brings concern relating to faster growth in poorer regions of the world where resources to address infrastructure needs are in short supply, further widening the gap between rich and poor and intensifying demands on increasingly scarce resources such as fuel and fresh water.

If we look at the building sector more closely, progressive action to prioritize sustainable buildings will contribute to a reduction in global resource use, an improved livelihood for millions through green job creation, enhanced places of work and residence and improved quality of life.

The building sector has been shown to provide the greatest potential for delivering significant cuts in GHG emissions at low or no-cost, or net savings, to developed and developing economies. Furthermore, these cuts can be achieved using readily available technologies, and at the same time there are opportunities to create millions of green jobs.

Most stakeholders now recognize that sustainable buildings bring significant economic

and environmental benefits. Yet, the challenge remains to realize these benefits in a real-world market, still driven by short-term investment decisions, and business-as-usual practices.

Achieving greater resource and energy efficiency in the building sector requires mobilizing constituencies, political will and leadership. Much of that leadership is now coming from cities. Cities are realizing the value of implementing sustainable policies and are increasingly serving as models to others.

At Rio, much of the discussion will center on cities as agents of implementation to achieve sustainable development objectives. Given the great potential, and given the unique time and place in the context of Rio+20, there is a singular opportunity before us to mobilize the attention and achieve sustained transformation in the building sector.

According to the Global Construction 2020 report, nearly 100 trillion USD will be spent in the construction sector over the next 10 years. These investments will not only result in buildings but will shape our cities for decades and centuries to come. Without assuring that sustainable building policies and practices are in place to guide such development, we will lock in inefficiency for decades to come.



Over the next 20 years, it is estimated that more than USD41 trillion will be spent on urban infrastructure (UNEP, 2011). In the next 10 years, USD100 trillion will be spent in the construction sector alone. Greater resource efficiency at the building and city level will significantly reduce the costs of this development economically, environmentally, and socially.

Progressive action to green the building sector will transform the resource efficiency of cities and improve the livelihoods of millions through green job creation, enhanced places of work and residence, and improved quality of life.

The upcoming United Nations Conference on Sustainable Development, Rio+20, provides a valuable platform for policy-makers to highlight sustainable buildings and overall transform cities to be more resource efficient, which will in turn enable them to achieve broader sustainable development objectives. As mentioned in the negotiation text: ***“...We support environmentally sustainable urbanization, including the development of resilient, energy-efficient and water-efficient buildings and infrastructure. We further support sustainable management of waste through the application of the 3Rs (reduce, reuse and recycle)...”***

The United Nations Environment Programme (UNEP) is proposing a *Global Initiative for Resource Efficient Cities* to capitalize on the potential for cities to lead actions towards greater resource efficiency and to promote the transition to a green economy. These efforts will enhance the quality of life in urban areas, in particular in rapidly growing cities in developing countries, by minimizing resource extraction, energy consumption, and waste generation and through safeguarding ecosystem services.

National governments, business and industry and cities all have a role to play in greening the building sector and driving transformation to more resource efficient cities. They must take action to demonstrate the positive impacts of sustainable buildings, embed sustainable building practices in their sustainable development strategies and building portfolios, support and enable initiatives for sustainable urban development, promote financial initiatives to facilitate resource efficiency improvements and above all, lead by example. Rio+20 is the time and place to recognize and promote sustainable buildings and resource efficient cities as the foundation of a green economy and sustainable development.



notícias

Fotos: Caetano Jorge

Evento da UNEP-SBCI reuniu palestrantes de vários países para discutir o futuro das cidades sustentáveis

Na visão de um dos mais aguardados para falar no evento do último dia 13 de junho, no Sesc Pinheiros em São Paulo, o economista indiano radicado em Londres, Pavan Sukhdev, presidente e fundador da Corporation 20/20 – uma consultoria para empresas que pretendem deslocar os propósitos sociais “da periferia para o coração das organizações”, – a maioria das decisões econômicas estão caminhando na direção oposta. “E isso vai dar *tilt*”, declarou Sukhdev. “Os subsídios estão voltados para atividades contrárias à sustentabilidade. Governos e empresas precisam encorajar o investimento em economia verde. Todo o poder da criatividade humana precisa estar a serviço desse modelo econômico capaz de reduzir a disparidade entre ricos e pobres”, afirmou o economista. Pavan Sukhdev proferiu a palestra magna no período da manhã.

Tendo como tema “Eficiência no Uso de Recursos e Economia Verde: Oportunidades para Edifícios e Cidades Sustentáveis”, o simpósio do Sustainable Buildings and Climate Initiative (SBCI), entidade ligada ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma ou Unep, em inglês) contou com a presença de palestrantes de vários países do mundo para abordar temas e mostrar

cases relacionados ao setor de construção, os impactos em termos de consumo de água, energia, de recursos naturais, a economia verde e a visão geral sobre objetivos do desenvolvimento sustentável.

Os trabalhos foram inaugurados pelo chefe de Consumo e Produção Sustentáveis da Unep, Arab Hoballah; pelo coordenador da assessoria técnica e de planejamento do Sesc SP, Sérgio Luis Batistelli; Marcelo Takaoka, presidente do Conselho Brasileiro da Construção Sustentável (CBCS) que também exerce a função de presidente do conselho consultivo do SBCI; Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo; Cláudio Bernardes, presidente do Secovi-SP e reitor da Universidade Secovi; pelo secretário da Habitação do Estado de São Paulo e da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), Silvio Torres; Inês Magalhães, secretária nacional de Habitação do Ministério das Cidades; e Carlos Roberto Fortner, secretário Municipal do Verde e Meio Ambiente.

O tema do desenvolvimento com uma direção – sustentável – perpassou quase todas as intervenções ao longo do dia. A maioria dos participantes chamou a atenção para problemas como a acelerada urbanização vivida por boa parte das cidades do mundo, a saúde, a criação de



Pavan Sukhdev, Arab Hoballah e Eduardo Trani.



Inês Magalhães, José Goldemberg e Elisabeth França.

empregos com justiça social, a mitigação dos impactos, o risco que correm a biodiversidade, os ecossistemas e os recursos naturais, a geração de resíduos, a falta de mobilidade e as emissões de gases do efeito estufa. Afinal, o evento aconteceu em São Paulo ao mesmo tempo em que era aberta, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que vai até o dia 22 de junho.

Tecido rasgado por absurdos

Aclamado pelo público presente ao auditório do Sesc Pinheiros, o ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero - que participou do capítulo 33 da agenda 21 da Eco-92 - criticou as políticas do passado. A insegurança dos carentes reproduz, segundo Ricupero, a imagem de uma explosão demográfica que teve início na década de 1970 e acabou pesando sobre a infraestrutura urbana, "sem racionalidade, sem humanidade". Agora entendido como um modelo superado pela matriz sustentável, o que Ricupero chamou de "etapa selvagem da urbanização" gerou a realidade atual das periferias de 15 regiões metropolitanas "sem saneamento, sem mobilidade, sem transportes e sem um estoque de terrenos de baixo custo". Segundo o ex-ministro, mesmo na Amazônia, os maiores problemas ambientais não estão na floresta mas na periferia miserável de Manaus e Belém.

Linguagem comum

Defensor do projeto piloto como forma de medir as

ferramentas e metodologias usadas em soluções de empreendimentos sustentáveis, Curt Garrigan, coordenador do Unep-SBCI, defendeu a linguagem comum e as métricas para auxiliar os formuladores de políticas públicas. Pavan Sukhdev chegou a citar o exemplo de Singapura que conseguiu recuperar extensas áreas verdes da cidade-estado graças à uma "coalizão de atores". Ang Kian Seng, diretor do BCA (Building and Construction Authority), parceiro da Unep e um dos principais centros de pesquisa de construção sustentável no mundo, trouxe ao simpósio a experiência da rede internacional de países do sudeste asiático conectados em torno de iniciativas educacionais por produtos e edifícios sustentáveis. Até 2030, 80% das edificações de Singapura serão verdes. Segundo Kian Seng, os investidores de Singapura enxergam a sustentabilidade como um investimento mas a cidade-estado ainda precisa intensificar o esforço para mudar a mentalidade local e criar um mercado de trabalhadores atuantes na economia verde.

Para Anne-Claire Freyd, diretora de marketing da principal entidade de pesquisas sobre tecnologia da construção francesa, o CSTB (Centre Scientifique et Technique du Bâtiment), os projetos atuais estavam programados desde antes da crise e não sofreram alterações nos programas, até pelo fato de sustentabilidade em construções ser uma das prioridades. Os números falam sozinhos: 350 mil empresas, 3,4 milhões de empregos e 123 bilhões de euros de faturamento. Para aplinar as dúvidas, Anne-Claire esclareceu: a França avançou na legislação

Evento gravado disponível on lineClique [aqui](#) para acessar

Plateia do Simpósio UNEP SBCI 2012

e formulou metas robustas. Existem normas para o setor diminuir a emissão de gases e gastar menos energia; até 2020 toda a rede será inteligente; e o consumo térmico será regulado. Quase 800 prédios na França estão certificados como sustentáveis.

O outro francês presente ao simpósio, Stéphane Pouffary, falou sobre a situação da África. Como presidente da ONG Energies 2050, Pouffary pesquisa esse setor há mais de 25 anos. Como boa parte das comunidades pobres da Terra, os africanos dependem da biomassa para atender as necessidades de energia na hora de cozinhar e o resto dos habitantes não têm acesso à eletricidade ou o acesso é crítico, lembra ele. A ausência de energia elétrica não cria apenas desconforto no interior das habitações mas impede a difusão de conhecimentos ou informações. Pouffary fez um apelo para que a comunidade internacional formalize, com urgência, iniciativas que ajudem na erradicação da pobreza por meio da implantação de tecnologias de energia renovável em comunidades africanas.

César Trevino, presidente do México Green Building Council, ressaltou as dificuldades no mercado de certificações. Apesar da falta de incentivos, da ausência de responsabilidade social corporativa e dos desafios regionais, Trevino acredita que os exemplos de empreendimentos sustentáveis vão continuar crescendo. Citou cases de cidades como Santiago do Chile, Buenos Aires, Limeira e de países como a Colômbia, voluntários ou obrigatórios. No México, o programa *Esta Casa es su Casa* aproximou os habitantes locais dos conceitos da edificação sustentável.

O caso brasileiro de habitação de interesse social foi explicitado pelo assessor de Planejamento da CDHU, Eduardo Trani. Ele exemplificou as lições do Sushi com o programa de recuperação da Serra do Mar, no loteamento Rubens Lara, no Jardim Casqueiro, em Cubatão. O projeto Sushi – da sigla em inglês Sustainable Social Housing

Initiative – foi desenvolvido pelo Pnuma, com apoio da União Européia, em parceria com o CBCS na versão brasileira do programa, para estudar as práticas de construção sustentável no mundo, em habitações de interesse sociais de países em desenvolvimento: Tailândia e Brasil.

Esgotando as alternativas de agir errado

Para Rubens Ricupero, talvez a humanidade passe a agir certo depois de ver esgotadas todas as possibilidades de agir errado. Ele citou o exemplo da China, um país com sérios problemas ambientais causados pelo superaquecimento da economia, que investe pesado em tecnologias e energia limpas. Para Ricupero, autor da palestra do período da tarde, vai ficar mais caro corrigir o que nasceu errado. O drama das periferias e a realidade incômoda criada pela etapa selvagem da urbanização vai pesar no orçamento da reconstrução das “cidades vivíveis”, como ele traduziu a expressão *livable cities*. Segundo o palestrante americano Jason Hartke, vice-presidente de Política Nacional do Green Building Council, os Estados Unidos perdem US\$ 100 bilhões por ano por agir errado.

Para Elisabeth França, superintendente da Secretaria de Habitação da Prefeitura da Cidade de São Paulo, o “passivo urbano” brasileiro vem desde a década de 50. “Para um setor da sociedade, virou um chavão criticar os governos atuais como culpados por esse passivo”, afirmou ela. A boa notícia é que o governo municipal segue um plano de metas que prevê assentamentos e urbanização de comunidades que vai favorecer milhões de paulistanos. Para ela, ainda faltam resolver distorções sociais como a fatia de recursos que sobra ao município: 7%.

Caso parecido com o da cidade do México, conforme Martha Delgado, ministra do Meio Ambiente mexicana. “Nossa realidade política é dura” disse ela. “Conseguimos



Arab Hoballah, Diana Csillag, Pavan Sukhdev, Cristina Montenegro e Marcelo Takaoka no Simpósio UNEP SBCI 2012.

elaborar um pacto entre 242 cidades para mitigar o problema das emissões de gases do efeito estufa”, disse Delgado. Por meio de uma taxa para a compra de gasolina, o México conseguiu criar um fundo para a qualidade do ar. “Fazemos avaliações anuais de dados coletados pelas cidades envolvidas num plano para dez anos”, disse a ministra. Já Inês Magalhães, secretária nacional de Habitação do Ministério das Cidades, divulgou que o Ministério das Cidades tem R\$ 50 bilhões para urbanização de assentamentos precários e recuperação ambiental.

O desmedido passivo da incorreção ambiental carrega ainda a preocupação com a saúde. “Seja para ocupar, alugar ou vender, uma edificação não pode ser insalubre e ineficiente”, alega Gregory Kats, presidente da Capital E, consultoria especializada em energia limpa, dos Estados Unidos. Kats aloca financiamentos e monta estratégias para empresas ou entidades que queiram “esverdear” prédios por meio de *retrofit*. Segundo Kats, nos Estados Unidos esse representa um negócio de US\$ 1 trilhão. Esse tipo de recuperação imobiliária sustentável só é possível por meio de *upgrades* de *design* integrados. Kats mostrou casos de otimização de *performances* de edifícios verdes americanos e em cidades como Guangzhou e Shanghai, na China, mostrando soluções como telhados e calçadas frias, eficiência energética e prevenção a desastres como ondas de calor.

No caso do Brasil, a proposta de José Goldemberg, organizador do livro *O Desafio da Sustentabilidade na Construção Civil*, é encaminhar uma revisão urgente dos códigos de obras das cidades para incluir os instrumentos de política sustentável. Ocorre que muitos arquitetos e planejadores urbanos pensam as edificações, bairros e cidades de maneira sustentável, independentes das regulamentações regionais. Assim foi com Stellan Fryxell, arquiteto sueco do escritório Tengbom e representante da International

Federation of Consulting Engineers. Fryxell mostrou aos participantes do simpósio Unep-SBCI a renovação urbana Hammarby Sjöstad, que ocupa uma área fabril e portuária em desuso de Estocolmo, agora um bairro moderno e sustentável. O arquiteto sueco mostrou Hammarby como uma “caixa de ferramentas” com todos os instrumentos para aplicar em outros projetos que a Tengbom desenvolveu para cidades na China, Índia, Canadá e Singapura.

Na avaliação de Marcelo Takaoka, presidente do CBCS, o simpósio atingiu o objetivo principal: mostrar as oportunidades que o setor da construção pode criar com o ingresso na economia verde. “O setor continua fragmentado, sem uma conexão sistêmica. Junta pacotes que não se encaixam. O evento mostrou que as tecnologias estão a espera de uma integração”, afirmou. Para o chefe de Consumo e Produção Sustentáveis da Unep, Arab Hoballah, “existem desafios mas também existem soluções”. •

Confira no site do CBCS!

A íntegra do discurso de Rubens Ricupero realizado durante o Simpósio UNEP SBCI 2012



Participante do Simpósio “Eficiência de Recursos e Economia Verde: Oportunidade para Edifícios e Cidades Sustentáveis”, Rubens Ricupero apresentou sua palestra do encontro sobre o tema Cidades Vivíveis e Eficientes em Recursos. Ao agrupar informações do noticiário recente, fatos do passado e dados estatísticos atuais, Ricupero expôs suas ideias frente ao idealismo de projetos urbanísticos em contraposição à realidade de milhões de brasileiros, habitantes de regiões precárias e, em muitos casos, de alto risco. “Corrigir a realidade urbana torta que herdamos” nas palavras do ex-ministro da Fazenda é a principal questão para a qual ainda não há muitas respostas.

Clique [aqui](#) para acessar o arquivo e confira o discurso na íntegra.

saiba mais sobre o CBCS

Na Rio+20, CBCS propõe criação de grupo de trabalho com metas globais para a construção civil sustentável

Documento assinado em conjunto com as entidades CBIC, CICA, FIIC e CEBDS é apresentado em evento que debate o tema Construção Sustentável: Pensando o Futuro das Cidades.

Entre os setores que mais impactam o meio ambiente e consomem recursos no mundo, a construção civil é destaque na Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. No dia 17 de junho, o Pavilhão 3 do Rio Centro é palco do debate Construção Sustentável: Pensando o Futuro das Cidades, mediado pela jornalista Sônia Bridi com a presença de Marcelo Takaoka, presidente do CBCS, Dan Hoornweg, representante do Banco Mundial, Paulo Safady Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), e Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS). O encontro apresenta também a proposta de criação de metas globais para a construção civil sustentável em documento assinado pelo CBCS, CBIC, CEBDS, Confederation of International Contractors' Associations (CICA) e Federação Interamericana da Indústria da Construção (FIIC).

O texto, que será entregue a Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, defende a formação de um grupo de trabalho, coordenado eventualmente pela UNEP (United Nations Environment Programme) ou por outra agência designada pelas Nações Unidas, a fim de traçar objetivos para a implementação de Metas de Desenvolvimento Sustentável para o setor da construção civil em escala mundial. Conforme as decisões finais da conferência determinadas nas reuniões com chefes de Estado, entre os dias 20 e 22 de junho, a ideia é que o documento estabeleça resultados a serem alcançados pelo setor construtivo em pontos como o uso de recursos naturais, eficiência energética das edificações, redução das emissões de Gases de Efeito Estufa e investimento em retrofits de prédios antigos. No prazo de um ano a partir da escolha dos representantes do grupo de trabalho, a expectativa é concluir a primeira etapa do projeto com a definição de cronogramas para as fases seguintes.



CBCS está presente nas mídias sociais

O CBCS está presente no ambiente virtual e mantém contas oficiais no Twitter e Facebook, gerenciadas pela assessoria de comunicação. No [Twitter](#), ultrapassamos os **1.040** seguidores. No [Facebook](#), já são mais de **4.000** fãs. Acompanhe!





expediente CBCS

EDIÇÃO Nº4

Conselho Deliberativo 2011-2012

Presidente do Conselho Deliberativo

Marcelo Vespoli Takaoka

Conselheiros

Adriana Levisky

Carlos Eduardo Garrocho de Almeida

Cristina Montenegro

Fabio Feldmann

Leôncio Pedrosa

Marcelo Vespoli Takaoka

Olavo Kucker Arantes

Orestes Marracini Gonçalves

Paulo Itacarambi

Paulo Machado Lisboa

Rachel Biderman

Roberto de Souza

Roberto Lamberts

Ubirajara Freitas

Vahan Agopyan

Vanderley Moacyr John

Vera Fernandes Hachich

Diretoria

Diana Csillag

Wilson Saburo Honda

Conselho Fiscal

Titulares

Mário Sérgio Pini

Roberto Aflalo

Márcia Mikai Junqueira de Oliveira

Suplentes

Rubens de Almeida

Francisco Ferreira Cardoso

Valério Gomes Neto

Jornalista responsável

Clarissa Turra - Mtb 52086/SP

Coordenação Técnica

Érica Ferraz de Campos

Secretaria

Giselly Souza

Direção de Arte

Angulodesign

Fotografia

Calão Jorge

Acervo CBCS

www.sxc.hu

Coordenação Comitês Temáticos CBCS

CT Água

Orestes Marracini Gonçalves

Lucia Helena Oliveira

Marina Ilha

CT Avaliação

Francisco Cardoso

CT Energia

Roberto Lamberts

CT Economico Financeiro

Marcelo V. Takaoka

CT Materiais

Vanderley M. John

Vera Hachich

CT Projeto

Paulo Lisboa

Adriana Levisky

Eloise Amado

CT Urbano

Alex Abiko